

## **Técnica, estética, comunicabilidade, compartilhamento e sociabilidade no processo de experimentação da linguagem audiovisual<sup>1</sup>**

Rosana Alves de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

### **Resumo**

Partindo do reconhecimento de que os jovens são nativos digitais e, por essa condição, já trazem consigo experiências com o uso da tecnologia, em particular dos dispositivos móveis, entre eles o celular, buscou-se neste estudo refletir sobre como esses sujeitos percebem tal dispositivo enquanto um meio que, mesmo limitado em recursos técnicos, permite-lhes construir uma linguagem própria em seus vídeos, servindo como um mediador. Para construir essa reflexão partiu-se das práticas educacionais promovidas por uma ONG, que por meio de um projeto, incentiva jovens para realização e compartilhamento de vídeos de bolso a partir da formação de cinco dimensões: *técnica, estética, comunicabilidade, compartilhamento e sociabilidade*, e assim, levam os jovens a formularem e/ou reformularem seus conceitos sobre a linguagem audiovisual.

**Palavras-chave:** técnica; estética; comunicabilidade; compartilhamento; sociabilidade.

### **INTRODUÇÃO**

O incentivo ao uso das mídias para construção de narrativas próprias por jovens tem sido uma iniciativa cada vez mais presente em espaços não formais de educação, como os promovidos pelas ONGs (organizações não governamentais). De acordo com mapeamento realizado por Toledo (2010), até o ano de 2009, 132 entidades desenvolviam atividades de incentivo à produção audiovisual em todo o País e já haviam atendido 25.665 estudantes e produzido 3.233 vídeos.

Diante desse cenário, foi realizado este estudo acadêmico na área da Educação, Comunicação e Tecnologia no qual se buscou analisar a experiência vivenciada por jovens com a produção de vídeo utilizando dispositivos móveis, em específico o celular. Como recorte partiu-se das práticas educacionais promovidas pelo projeto *Telinha de Cinema – tecnologia, educação & arte*, empreendido pela *Associação de Educação Cultura e Meio Ambiente Casa da Árvore*, mais conhecida como *ONG Casa da Árvore*.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (FE/PPGE/UnB). Professora Assistente do Departamento de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso- Campus Alto Araguaia. email: [rosanacomuniquie@gmail.com](mailto:rosanacomuniquie@gmail.com)

<sup>3</sup> O projeto atende estudantes de escolas públicas, com idade entre 13 e 18 anos, motivando a produção audiovisual com o uso do aparelho celular para criação de vídeos de bolso. Para esta pesquisa foram observadas as ações promovidas pela ONG na cidade de Palmas, capital do Tocantins.

Por meio do projeto, a ONG oferta desde 2007 oficinas de produção de vídeo de bolso<sup>4</sup>, que visam incentivar jovens para realização e compartilhamento de produções audiovisuais, desenvolvendo assim habilidades e competências a partir de cinco dimensões de formação, sendo: *técnica, estética, comunicabilidade, compartilhamento e sociabilidade*. Cada uma das cinco dimensões previstas no Planejamento Pedagógico são promovidas por meio de ações teóricas e práticas, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 1: Dimensões de formação do projeto *Telinha de Cinema*

Dimensões	Habilidades e competências	Detalhamento/exemplos
<b>Técnica:</b> como fazer Identificação e uso dos recursos para realização.	Captar imagem e som	YouTube/Vimeo Redes sociais Blogs (incorporações) Informática Básica Navegação Básica
	Edição	
	Publicação/Exibição	
	Gerenciamento de arquivos digitais	
<b>Estética:</b> o que é (conceitual)  Desenvolvimento da percepção e construção/compreensão de conceitos.	Compreensão de conceitos	Capacidade de criar Repertório
	Criatividade	
	Identificar características estilísticas relativas a gêneros e formatos	
<b>Comunicabilidade:</b> finalidade, intencionalidade (o quê dizer e para quem)  Produzir com finalidade e intencionalidade.	Compreender a linguagem audiovisual	Capacidade de comunicar (o que dizer, como dizer e para quem)
	Leitura crítica da realidade	
	Leitura crítica das mídias	
	Capacidade de comunicar (o que dizer, como dizer e para quem)	
<b>Compartilhamento:</b> repercussão da obra  Tornar público e trocar experiências.	Compreensão da dinâmica das mídias sociais e móveis	Comportamento na rede relativo à exposição da imagem e vírus
	Capacidade de utilização dos recursos das mídias móveis e sociais	
	Cuidados com a segurança	
	Uso consciente de	

<sup>4 4</sup> Vídeo de bolso, no inglês *pocket movie*, são vídeos produzidos, editados e distribuídos com telefones celulares.

	conteúdos da rede	
<b>Sociabilidade:</b> construção da identidade	Construção da identidade e desenvolvimento de habilidades para conviver e produzir coletiva e colaborativamente.	

Fonte: Documento Institucional do *Telinha de Cinema* – Planejamento Pedagógico 2012/1.

Essas dimensões foram definidas como grade analítica para realização do presente estudo, servindo como categorias para organização dos dados coletados.

É importante ressaltar que iniciativas que demonstram resultados da proposta de incentivo à produção audiovisual promovida pelo *Telinha de Cinema* já podem ser conferidas por parte de ex-alunos do projeto. Exemplos são as criações de *blogs*, espaços nos quais mostram com criatividade as habilidades tecnológicas e artísticas que apreenderam na passagem pelo *Telinha*.

Entre esses *blogs*, foi identificado o *Aluno Telinha* (<<http://alunotelinha.blogspot.com/>>) que, conforme anuncia o perfil do espaço, tem “o objetivo de aproximar todos aqueles que participam ou já participaram do projeto de vídeo de bolso”. Outro *blog* que está no ar, fruto das práticas edcomunicativas experimentadas no projeto, é o *Galeria das Ideias* (<<http://galeriadasideias.blogspot.com/>>). No espaço, uma ex-aluna discute o universo jovem.

### O processo da pesquisa

A leitura dos documentos institucionais (fonte documental) permitiu a compreensão da proposta pedagógica e o apontamento das dimensões de formação previstas pelo projeto de incentivo a produção audiovisual:

- *técnica* – identificação e uso dos recursos para realização;
- *estética* – desenvolvimento da percepção e construção/compreensão de conceitos;
- *comunicabilidade* – produção com finalidade e intencionalidade;
- *compartilhamento* – tornar público e trocar experiências;
- *sociabilidade* – construção da identidade e desenvolvimento de habilidades para conviver e produzir coletiva e colaborativamente.

Como instrumental de pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada com sete participantes do projeto: Paulo (13), Mário (14), Rodrigo (15), Susana (15), Fernanda (16), André (16) e Jonas (17). Por esse instrumento, os jovens, enquanto as vozes interlocutoras

do estudo ofereceram dados objetivos e subjetivos que permitiram organização das informações de acordo com as categorias adotadas (as dimensões).

Antes da realização da entrevista considerou-se que seria fundamental conhecer antecipadamente o conteúdo dos vídeos produzidos pelos jovens para, então, formular questões que os levassem a discutir o processo de experimentação e reconhecimento da linguagem audiovisual. As entrevistas registradas em gravador portátil foram transcritas na íntegra e as falas organizadas a partir de unidades de registro, que, como explica Bardin (2009, p. 104), “é a unidade a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando à categorização”. Como unidade de registro, foi utilizado *o tema*, que consiste em “uma asserção sobre determinado assunto. Pode ser uma simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo” (FRANCO, 2008, p. 42). Seguindo essa técnica, cada asserção (*o tema*) identificada nas falas foi correlacionada às cinco categorias de análise definidas para o estudo (quadro 2).

Quadro 2: Categorização temática

CATEGORIA	REGISTRO DO TEMA
<b>Técnica</b>	<p>Explorar os recursos da câmera do celular.</p> <p>Descobrir novas possibilidades de uso.</p> <p>Aproveitar as características do dispositivo tecnológico (celular): praticidade, facilidade, rapidez e mobilidade.</p> <p>Aprender pela prática.</p>
<b>Estética</b>	<p>Observar detalhes da linguagem audiovisual.</p> <p>Ressaltar o apuro estético.</p> <p>Exercitar a criatividade.</p>
<b>Comunicabilidade</b>	<p>Perceber a tecnologia enquanto instrumento de mediação.</p> <p>Comunicar ideias.</p> <p>Construir o argumento principal (pesquisa do tema).</p> <p>Desenvolver a criticidade.</p>
<b>Compartilhamento</b>	<p>Compartilhar experiências.</p> <p>Buscar o reconhecimento.</p> <p>Sentir-se como produtores.</p>
<b>Sociabilidade</b>	<p>Estabelecer relações interpessoais.</p>

	Valorizar as opiniões coletivas. Oferecer opiniões. Participar das decisões. Reconhecer a si e ao outro.
--	---

### As vozes interlocutoras e a experiência com produção de vídeo de bolso

Partiu-se do reconhecimento de que os jovens participantes no projeto *Telinha de Cinema* são nativos digitais e, por essa condição, já trazem consigo experiências com o uso da tecnologia, em particular dos dispositivos móveis, como o adotado pelo projeto que serve como estudo de caso desta pesquisa – o aparelho celular. Buscou-se assim, identificar como esses sujeitos percebem o dispositivo enquanto um meio que, mesmo limitado em recursos técnicos, como profundidade da lente, foco e movimento, permite-lhes construir uma linguagem própria em seus vídeos, servindo assim como um mediador.

Sobre a percepção quanto ao uso da tecnologia não apenas no sentido técnico, mas, sobretudo, de experimentação na linguagem audiovisual, Martín-Barbero (2004, p. 235) desenvolve o conceito de *tecnicidade*:

*A tecnicidade nomeia então o que na sociedade não é só da ordem do instrumento, mas também da ordem da sedimentação de saberes e da constituição das práticas [...], a tecnicidade, mais que aos aparelhos, nos remete ao desenho de novas práticas, e mais que destreza a tecnicidade é competência na linguagem.*

Nessa perspectiva pensada por Martín-Barbero (2004), observou-se, em uma discussão sobre a técnica de produção, que para os jovens há, durante o processo de criação, preocupação em utilizar e explorar adequadamente os recursos do dispositivo para conseguir fazê-lo um mediador de suas vozes. Tal observação foi possível ao ser levantada a pergunta “*Você diria que é fácil ou difícil produzir vídeo por celular? Por quê?*”. As respostas mostram que para eles conhecer a técnica (como fazer) foi fundamental para entender a linguagem dos vídeos por eles produzidos.

Não acho difícil, só que agora eu sei mais algumas coisas sobre edição...filmagem...sobre vídeo. (Rodrigo, 15)

Hoje eu consigo criar e aprendi a editar também muito bem. (Fernanda, 16)

É que eu tinha algumas dificuldades, e aqui foi bom porque aprendi a utilizar melhor. (Paulo, 13)

Tomado no sentido de mediador tecnológico, o dispositivo móvel celular é empregado por esses jovens ao modo como percebido por Castells (2002, p. 34), que compreende tecnologia como “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira que possa ser reproduzido”.

Nas falas de Jonas e Fernanda, percebe-se que a técnica e o apuro estético foi para eles essenciais para que se considerassem produtores de vídeos:

Se for só uma coisa parada, filmada de longe, não tem sentido. Então tem que cuidar da filmagem e da edição. Fazer tudo adequadamente. (Jonas, 17)

A gente acha que gravar vídeo é só ficar com a câmera ligada e não é não, tem várias formas! Por exemplo, se o enquadramento for bom e a música também, a cena fica mais recheada e toca a pessoa que tá vendo. (Fernanda, 16)

Suas falas deixam escapar que há uma aplicação prática de conhecimentos técnicos sobre a linguagem audiovisual que se manifesta naquilo que conseguem reproduzir esteticamente. Em relação ao desenvolvimento do conhecimento estético na área da produção audiovisual, Duarte e Santos (2009, p. 13) defendem que é necessário mais que a formação técnica. O gosto estético, segundo as autoras, é algo a ser construído para refletir em criações “originais e criativas”.

Nossa concepção de competência estética está vinculada à ideia de que o gosto estético tem origem na sensibilidade, mas se forma socialmente; acreditamos que a competência estética seja indispensável para conduzir o indivíduo à habilidade de julgar, aprimorando a experiência sensível. Neste sentido, ela não é uma qualidade inata ao ser humano, sendo necessária uma formação específica, ou seja, uma educação estética. (DUARTE; SANTOS, 2009, p. 4)

Pelas respostas que os jovens deram à pergunta “*Ao produzir uma cena, vocês pensavam em fazer planos mais abertos, mais fechados e, no processo de edição, se preocupavam com a escolha da trilha sonora, entre outros cuidados? Como essas escolhas podem ajudar a contar a história?*”, não há como recusar que estabelecem uma relação inseparável entre a apropriação da técnica e a educação estética. Essa sensibilidade necessária para criar os vídeos dentro da concepção estética que o dispositivo utilizado permite (celular) pode ser percebida quanto ao reconhecimento de que os jovens produtores

de vídeos de bolso demonstram em termos de cuidados com os movimentos de câmera, ruídos, cores, enquadramentos, luzes, planos, trilha sonora e outros detalhes técnicos que traduzem o olhar estético de seus produtores.

Os planos é que dão os sentimentos, essas coisas que têm no texto e a música também expressa muito. Tipo se for um filme romântico, nós bota[mos] música romântica, um close no rosto pra mostrar o sentimento da pessoa. Isso tudo é pro filme sair perfeitamente. (Paulo, 13)

A gente produzia os planos de acordo com o que tava acontecendo na cena. Muitas vezes pode acontecer algum movimento das pessoas. Colocar alguma música de suspense. Tudo de acordo. (André, 16)

Uma parte assim interessante mesmo é quando você pensa no começo do vídeo, quando você passa pro roteiro. Quando você começa a filmar, você coloca os enquadramentos, daí devido [a] isso, a pessoa começa a ter a percepção maior da história. (Jonas, 17)

A dimensão estética alcança para os jovens Mário e Susana também o sentido de fruição, enquanto algo que, para receber um bom julgamento estético, deve transmitir algum significado.

Nós fazíamos bem cuidado mesmo, pra ficar legal. (Mário, 14)

Tipo assim os detalhes deixa[m] o vídeo mais curioso, mais interessante. Eu acho que é melhor pra quem tá assistindo. Só gravar e não colocar essas coisas no meio fica muito ruim. Então a gente tem que pensar nisso antes de começar. Não fica bom quando você tá vendo sem essas coisas aí. (Susana, 15)

Para ajudar no desenvolvimento da percepção estética, as atividades do curso de vídeo de bolso incluíam também apresentação de filmes, na maioria nacional e dos mais diversos gêneros que, após a exibição, eram discutidos dentro de uma concepção que envolve a sensibilidade estética. Esse tipo de exercício, segundo Duarte e Alegria (2008, p. 74), “altera o modo de ver e contribui para o desenvolvimento da capacidade de julgamento estético de obras cinematográficas e, por extensão, da produção audiovisual em geral”. A proposta do projeto *Telinha de Cinema* engloba também levar os alunos a compreenderem que o vídeo, enquanto um mediador de suas falas, deve ser criado como um processo de comunicação, em que um dos primeiros objetivos é fazer-se entender.

Mário (14), ainda respondendo à pergunta “*Ao produzir uma cena, vocês pensavam em fazer planos mais abertos, mais fechados e no processo de edição se preocupavam com*

*a escolha da trilha sonora, entre outros cuidados? Como essas escolhas podem ajudar a contar a história?”*, associa a dimensão de formação técnica à dimensão comunicabilidade:

Esses cuidados com o roteiro, plano, enquadramento faz[em] as pessoas entender de um jeito melhor [...]. As pessoas têm que escutar bem direito. Escutar e entender o que a gente tá falando.

A partir da pergunta *“Quando vocês definiam o que contar na história, o que faziam para saber mais sobre o assunto e, assim, construir o roteiro?”*, levantou-se que os jovens atribuem importância significativa à realização da pesquisa da temática a ser discutida no vídeo.

Você tem que saber tudo sobre o tema pra fazer um vídeo realmente bom sobre ele e ter detalhes. (Mário, 14)

Eu acho importante conhecer o assunto, porque você pensar numa história e fazer do jeito que você acha, eu acho que é errado. Você tem que pesquisar e procurar saber mais, ‘pra’ não sair nada errado na hora. (Susana, 15)

A gente tem que saber tudo sobre o que vai fazer, senão não sai muito bem. (Paulo, 13)

Marcos (1996, p. 149) entende o conceito da comunicabilidade como “um processo factual de tornar comum mensagens entre seres humanos. A comunicabilidade é a condição de possibilidade de interação e compreensão do sentido, é a própria realidade relacional de interlocução”. E como pode ser observado pelos depoimentos dos jovens, transmitir ideias de forma a serem entendidos é um ponto que consideram crucial no momento de criação do vídeo, tal como revelado no depoimento de André (16):

Expor as minhas ideias ao público é uma coisa assim, porque às vezes eu posso ‘tá’ errado em alguma coisa construtiva. É bom ‘pra’ eu saber onde eu acertei e onde eu errei.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que os jovens alcançam a compreensão do vídeo não apenas como meio, mas enquanto um mediador do processo, reconhecendo que é a partir da forma como comunicam que atingirão o fenômeno comunicacional.

Pra pessoas sentirem o que a gente quer passar, tem que produzir bem a cena, colocar vários detalhezinhos, porque aí fica bom. (Fernanda, 16)

Com isso tudo [planos, enquadramentos, trilha sonora], a estória fica mais emocionante, né? Porque aí quem assiste entende mais. (Rodrigo, 15)

Identificou-se ainda que a dedicação em construir uma narrativa e poder compartilhá-la surge para os sujeitos participantes desta pesquisa como uma forma de expor sua existência ao ‘outro’. No sentido proposto pelo projeto *Telinha de Cinema*, compartilhamento aparece como sinônimo para as trocas entre os usuários da internet, principalmente das redes sociais.

Para facilitar o compartilhamento dos vídeos produzidos pelos estudantes, foi criado um canal no *YouTube* (<<http://www.youtube.com/user/ongcasadaarvore>>). Nesse espaço, foram postados os vídeos e, posteriormente, outros usuários fazem seus comentários.

Ao responderem à pergunta “*Você gosta que os vídeos sejam compartilhados no YouTube? Se sim, por que é interessante?*”, os jovens atribuíram significado especial ao fato de serem reconhecidos como produtores de mensagens carregadas de sentidos e significados, como também alimentam o ego por saberem que estão sendo vistos.

No *YouTube*, muitas pessoas veem o vídeo. Muitos colegas meu[s] já disseram assim: “eu vi o vídeo lá, você tá como roteirista, legal”. Eu gosto porque às vezes falam assim: “tá faltando isso, tenta melhorar isso ou aquilo”, aí dá uma ideia melhor pra gente, aí tem que refazer depois. (André, 16)

Nós já temos até alguns no *YouTube*. Aí a gente fala pro colega e diz: “ô esse aí fui eu que fiz!”. (Rodrigo, 15)

No *YouTube* é bem legal porque outras pessoas podem ver, não só a gente. E acessando a gente fica famoso, essas coisas mesmo. (Paulo, 13)

Mas o compartilhamento dessa experiência com produção audiovisual não se restringe ao espaço virtual. A família, os amigos da escola ou outros sujeitos que compõem a rede social desses jovens também passam a fazer parte dessa troca, assim como observado nas respostas à pergunta “*Alguém da sua família ou amigo assistiu a um vídeo que você ajudou a produzir? O que você acha disso?*”.

Toda vez que eu saio daqui que eu chego lá em casa e minha mãe pergunta o que eu tô aprendendo, aí eu falo pra ela. Ela fica assim...orgulhosa, tipo assim...minha filha tá aprendendo mais algo na vida dela. Ela pergunta se isso vai ajudar no futuro e eu digo que sim. Daí me sinto feliz, porque não são todas as pessoas que têm a oportunidade de saber sobre isso...de aprender. (Susana, 15)

Algumas pessoas assistiram e disseram que ficou muito legal. Eu me senti muito alegre porque ninguém nunca tinha falado isso pra mim. (Paulo, 13)

A partir das respostas à pergunta “*Você já repassou a alguém o que aprendeu? Se sim, pode contar como foi essa experiência?*”, ficou evidente que o compartilhar tem para eles também o significado de serem capazes de dividir a experiência.

Eu ensinei para um amigo do meu tio que gosta de fazer também, mas ele não sabia, aí as coisas que eu sabia eu passei pra ele. Foi legal, porque eu tô aprendendo e passando para as outras pessoas. E eu me senti muito inteligente, porque são poucas pessoas que dão conta de editar um vídeo. Aí eu passando pra ele, me sentir como uma pessoa importante. (Rodrigo, 15)

Na escola onde eu estudo, já falei que é muito legal aqui e quando dá tempo a gente fala um pouco como faz. Ensinei um pouco um colega, ele teve algumas dificuldades, mas foi legal. (Paulo, 13)

Outra questão determinante para compreensão de como os jovens apreendem habilidades e competências com a experiência com produção de vídeo está relacionada ao fato das produções serem coletivas e abrangerem pontos de vistas diversos, sobretudo sobre as questões técnicas e estéticas. Durante as atividades práticas, os estudantes reuniam-se em pequenos grupos (trio e quarteto), sendo então estimulados a trocar ideias, argumentos, a questionar, concordar, discordar, ou seja, a se tornar grupo e, assim, ter segurança para construir um trabalho coletivo.

Foi possível perceber que esse número de integrantes facilitou para que houvesse trocas entre os membros dos grupos e entre os grupos. Por meio da pergunta “*Como foi a experiência de conhecer e trabalhar em grupo com os outros jovens participantes do projeto?*”, revelaram que essa experiência proporcionou a sociabilidade:

Foi diferente conhecer pessoas novas e saber também o que eles pensam, as atitudes deles. (Jonas, 17)

André (16) admite que nem sempre esteve aberto a realizar atividades coletivamente, mas que foi aos poucos percebendo que a cooperação era fundamental para estabelecer uma relação entre o grupo:

Eu tinha um pouco de dificuldade em como dividir as ideias, em como compartilhar, como escutar várias ideias e transformar elas em uma ideia só, né. Várias pessoas dão sua ideia em torno de construir um só contexto. No começo assim... tinha aquele negócio assim de ser só minha ideia e depois fui acostumando em escutar e entender.

Para Rodrigo (15), realizar as atividades coletivamente o levou a compreender que não bastava apenas deter a técnica, mas que precisava ter, sobretudo, a “aptidão para as relações interpessoais” (DELORS, 2001, p. 95) para assim realizar a atividade sugerida:

No grupo são sempre três ou quatro pessoas e, se fosse pra fazer, só eles não tinham como, né. Aí cada um tem a sua ideia e nós vamos debatendo, e no final o vídeo fica bom.

Na descoberta do *outro*, foram percebendo a diversidade de opiniões, conhecendo particularidades e potencialidades de cada um e respeitando as diferenças e, assim, aceitando ao *outro* e a si próprio. Nesse processo, foram estabelecendo as regras de sociabilidade que norteiam as interações sociais ao longo de toda a vida.

Em grupo, a gente ‘ajunta’ as ideias dos outros, e fica uma coisa legal. (Susana, 15)

Na perspectiva de sociabilidade pensada por Simmel, Dayrell (2005) busca embasamento para discutir o sentido de *simetria* nos espaços de sociabilidade. Por essa característica cada um dos jovens deve-se perceber na mesma hierarquia diante dos demais. Essa particularidade é marcada pelas falas de Fernanda, André e Jonas que comentam as vantagens de produzir em grupo e de suas participações enquanto parte deste:

Um ajudando o outro, porque cada um pode falar alguma coisa, assim cada um contribuiu de uma forma. (Fernanda, 16)

A maioria das ideias eu dizia alguma coisa e eles também diziam: “eu prefiro assim”, e cada um vai dando a sua ideia e vai chegando a um acordo. (André, 16)

Achei legal, porque a união faz a força. (Jonas, 17)

Paulo (13) enxerga nessa igualdade o elemento para que todos se sentissem à vontade para expor ideias:

Assim...muitas dificuldades que eu tinha os outros não tinham e, então, foram me passando e eu fui aprendendo mais.

E Susana (15) ressalta a importância de cada participante enquanto grupo:

Como cada um pensa numa ideia, então, se tiver faltando aquela ideia, não fica tão legal o vídeo.

Outras duas características do conceito de sociabilidade construídos por Simmel e seguidas como abordagem teórica por Dayrell (2005) – a *conversa* e a *natureza democrática* – nos servem como aporte para analisar a sociabilidade construída entre os sete jovens participantes desta pesquisa.

O bom é que tem pessoas pra dividir as tarefas e assim fica mais direito, mais organizado. E minha participação influenciou, porque eu fiz algumas coisas. (Mário, 14)

Em algumas partes, precisavam de mim. Tem alguns alunos que não sabem fazer o que eu faço, aí precisa[m] de mim. (Jonas, 17)

Eu ficava incentivando pra que todos participassem e também ajudando no momento da criação e da produção. (André, 16)

Dayrel (2005, p.10) ainda coloca que a *conversa* “assume, para os jovens, papel muito importante, tornando-se uma das motivações principais dos seus encontros. O ‘trocar ideias’ é de fato um exercício da razão comunicativa”. A importância que a *conversa* adquire para esses jovens pode ser percebida no depoimento de Susana (15):

Além de ser mais fácil pra fazer tudo que tem que ser feito, eu acho que gera tipo uma intimidade, todo mundo ali... falando junto...a gente se sente importante.

Percebe-se ainda nos depoimentos dos jovens sinais de que existe a *identificação* e a *diferenciação* (HALL, 2007; SILVA, 2007; WOODWARD, 2007) necessárias para que haja a assimilação do ‘outro’.

Experiência muito legal, porque lá na escola todo mundo é bagunceiro e aqui o pessoal é calmo. Aí a gente se apega ao jeito deles. (Paulo, 13)

Susana (15) traz uma fala que chama atenção pela sinalização de que entre os jovens, mesmo em um curto espaço de tempo no qual se estabelecem as relações de sociabilidade, eles conseguiram reconhecer e respeitar a diferença que o ‘outro’ traz consigo:

É legal conhecer novos amigos. Assim... tem uns que têm umas ideias meio enlouquecidas, mas é bom conhecer pessoas diferentes.

## **Considerações Finais**

Em suas particularidades, os interlocutores desta pesquisa revelaram-se criativos, produtores, críticos, comunicativos, sensíveis ao olhar estético, hábeis tecnicamente. Foi possível identificar que produzir vídeos, observando questões referentes ao como fazer, a compreensão de características estilísticas relativas a gêneros e formatos, ao que dizer e para quem; ao tornar público, como também interagir com o ‘outro’, colocar pontos de vistas, ter esses pontos de vistas negociados, significa para os jovens assumir a posição de sujeitos que detêm pontos de vista e que, por esse olhar, visualizam o mundo em que vivem. E que a formação da *técnica, estética, comunicabilidade, compartilhamento e sociabilidade* refletem no reconhecimento e no processo de produção da linguagem audiovisual.

Notou-se, que, ao discutirem os elementos que compõem o vídeo, os jovens foram formulando ou reformulando seus conceitos sobre a linguagem audiovisual. É possível dizer que veem com naturalidade as tecnologias. Emergindo das atividades propostas pelo projeto *Telinha de Cinema*, uma sensibilidade nascida espontaneamente nos usuários do dispositivo móvel celular que, por suas próprias características, já convida a capturar em áudio e vídeo os fragmentos da vida cotidiana. E pelo *Telinha* foram instigados a explorar essa linguagem, encontrando, assim, melhores condições para debater seu dia a dia; a se descobrir como agentes de transformação social; a valorizar suas identidades, sentindo-se estimulados a criar sua própria mídia.

## REFERÊNCIAS

ALEGRIA, J; LEITE, C. R. **Imaginário, linguagem audiovisual e identidade em vídeos realizados por jovens**. In: Encontro de Educação e Estudos Culturais, Canoas, 2004. Disponível em: <<http://www.users.rdc.pucRio.br/midiajuventude/imaglingugtexto.htm>> Acesso em: 25 ago. 2011

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura. Volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

DAYRELL, J. T. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, nº 100 – Especial, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 09 ago. 2012.

DELORS, J. (Org). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 6ª ed., São Paulo: MEC/UNESCO/Cortez, 2001.

DUARTE, R.; ALEGRIA, J. **Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação**. PA: Educação e Realidade, v. 33, nº 1, 2008. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6687/4000>> Acesso em: 21 ago. 2012.

\_\_\_\_\_ ; SANTOS, L. S. **A experiência estética no âmbito da produção audiovisual**. In: XVII Seminário de Iniciação Científica da Puc-Rio, 2009. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2009/relatorio/ctch/edu/luciana.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/ctch/edu/luciana.pdf)> Acesso em: 21 ago. 2012.

GONNET, J. **Educação e mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARCOS, M. L.. Comunicação vs Informação: Comunicação e Comunicabilidade. In: FAUSTO NETTO, A.; PINTO, M. J.(org.). **O Indivíduo e as mídias**: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro, RJ: Diadorim, 1996.

MARTÍN- BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (org.). **Por outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAZZARELLA, S. R. (Org.). **Os jovens e a mídia**: 20 questões. Porto Alegre: Artmed, 2009.

**PROJETO PEDAGÓGICO TELINHA DE CINEMA**. Curso de Vídeo de Bolso – Telinha de Cinema. Disponível em: <<http://telinhapedagogico.blogspot.com.br/p/projeto-pedagogico.html>> Acesso em: 23 mar. 2012.

TOLEDO, M. **Educação Audiovisual Popular no Brasil**: Panorama, 1990-2009. Tese (Doutorado em Estudos dos Meios e da Produção Midiática) – Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde.../2351228.pdf>> Acesso em 21 nov. 2011.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007.